**O ALIENISTA**

O Grupo Eis a Questão, de Horizontina, RS, abriu o Cena Viva 2017, Festival de Teatro de Santa Rosa, RS, com o espetáculo O ALIENISTA, roteiro elaborado a partir da obra homônima de Machado de Assis, conduzido por Maria Aparecida Berwanger. O grupo é formado por alunos do Centro Tecnológico Frederico Jorge Logmann, que se debruçou sobre o universo machadiano, cumprindo exigências curriculares. O elenco é, pois, formado por adolescentes e pré-adolescentes, em fase de preparação para o vestibular, ou encaminhando-se, enfim, a definições que nortearão suas futuras caminhadas.

 Destaco, de imediato, o afinco, a responsabilidade e a disciplina com que o grupo encara a tarefa a que se propuseram. Há um envolvimento invejável de todos os participantes, conscientes da importância de seu ato. Todos levam avante o trabalho, com serenidade e segurança, conseguindo, com seu carisma e dedicação, uma empatia com os espectadores, quase que imediata. Embora percalços, os esforços do grupo em sanar suas dificuldades, são superados com tranqüilidade.

 A Gustavo Parreira coube o papel do médico Simão Bacamarte, que, influenciado pela 'onda' cientificista do final do Século XIX, resolve, em nome da ciência, enclausurar seus conterrâneos, acusados, por ele próprio, de loucos, num sanatório por ele construído, contando com a conivência do Poder Legislativo e o Clero de sua pequena cidade. Machado de Assis, por meio deste argumento, explora e expõe, sarcasticamente, os conceitos (e preconceitos) da sociedade da época e seus mecanismos para manter o 'status quo'. Com sua sagacidade habitual, Machado de Assis abre uma discussão, pertinente mesmo nos dias de hoje, sobre o tênue limite entre lucidez e loucura.

 O grupo mostra uma certa pompa e circunstância ao tratar o caso, talvez por respeito excessivo à Machado ou medo de 'chutar o pau da barraca', como se diz, incutindo ao espetáculo um andamento, praticamente marcial, que, em alguns momentos, empana a crítica corrosiva do autor, dando-lhe (ao espetáculo) contornos, por vezes, excessivamente dramáticos. Tudo compreensível, levando-se em conta a idade e o amadurecimento artístico do elenco que, não se arrisca a explosões mais agudas, o que demandaria técnicas mais elaboradas. Gustavo Parreira construiu um Bacamarte sereno, não deixando-se, externamente, contaminar pelos furores de poder, que possui, envolvendo a todos, em sua insana ambição. Tal postura determina, via simbiose, o ritmo do espetáculo, que carece de momentos de pico, o que criaria um gráfico de intensidade dramática bem mais expressivo.

 Os figurinos poderiam ser mais unificados, havendo, no usado, disparidade entre os femininos, que nos remetem, vagamente, a uma época mais distante; e os masculinos, praticamente contemporâneos. Este viés pode ser aprofundado, se proposta for, para que não pareça desatenção pura e simples.

 Há um link muito interessante com as enfermeiras, que usam máscaras neutras, referência explícita ao filme The Wall, de Alan Parker, baseado na obra de Roger Waters para o Pink Floyd; assim como é forte e pertinente a mesma referência com relação ao muro onipresente, no fundo do palco, de significado elucidado ao final do espetáculo.

 Desproporcionalidade entre ações/reações, descontroles emocionais e vocais pipocam em diferentes momentos, porém, nada que tire o brilho do desejado e que, não possa ser sanado com poucos ensaios a mais.

 O elenco é coeso e com bastante unidade, destacando-se, no geral, o naipe masculino, que me parece mais seguro e à vontade na realização do projeto.

 Um espetáculo, enfim, surpreendente por sua honestidade e atualidade, e pelas soluções simples e eficazes com que a direção e o elenco as executam. Um trabalho absolutamente coletivo, onde a vontade de ser e fazer brilha, inconteste, no olho de cada um dos envolvidos no projeto, onde são levantadas questões pertinentes ao nosso dia a dia, mantendo viva uma das principais características da arte teatral: o de ser local de embate, onde todos buscamos melhores caminhos para o desenvolvimento do ser humano.

Antonio Carlos Brunet

Junho de 2017.